

DISCURSO FEMININO SOBRE AS ORIGENS DO CRISTIANISMO: UMA ANÁLISE DO TESTAMENTO APÓCRIFO DE MARIA MADALENA

Benedita Aguiar Ferreira (UFPB)
Wilma Martins Mendonça (UFPB)

O termo Apócrifo em grego, *apórkyphos* quer dizer *oculto*. O que requer considerar a complexidade de definição advinda de tal terminologia, bem como da lista dos assim considerados apócrifos, estes livros não lidos em assembleia pública de culto, mas reservado à leitura particular.

Apócrifo opõe-se a *canônico*, pois este era lido no culto público, os evangélicos/protestantes chamam os *apócrifos* católicos de pseudépígrafos. Eles usam a terminologia *apócrifo* para designar os deuterocanônicos (Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, I e II Macabeus).

Existem ainda muitas outras definições do termo apócrifo, mas o que nos interessa neste trabalho é verificar o estilo literário, o conteúdo do Evangelho Apócrifo de Maria Madalena, esses textos conservam dados importantes, os quais complementam a história dos cristianismos de origens.

O estudo dos Apócrifos, sobretudo os do Segundo Testamento, nos permite compreender o esforço dos primeiros cristãos para seguir Jesus e principalmente as modificações no discurso Sagrado pela via da oralidade.

A partir do **Evangelho de Miriam de Mágdala** ou Maria Madalena, traduzido e comentado por Jean-Yves Leloup, se ampliaram as informações acerca de alguns aspectos até então ocultados ou “profanados” pelo cristianismo. A literatura apócrifa do Segundo Testamento de Maria de Magdala chegou até nós por meio de dois fragmentos datados, provavelmente, do ano 150 da E.C., e de seu copta saídico (língua usada no Egito), no século V.

O livro de Magdala é classificado dentro dos escritos apócrifos como sendo do gênero Evangélico, ou seja, são os escritos que falam detalhadamente sobre a vida, as obras e os ensinamentos de Jesus Cristo. Neste sentido, os gêneros textuais encontrados no Evangelho Apócrifo de M.M é fruto de um trabalho coletivo, que contribuiu para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas inspiradas por uma mulher e que por via da oralidade e da escrita chegam até nós, através dos textos escrito em língua copta saídico, com um certo número de empréstimos de dialetos, assim como erros de escrita e de transcrição, como atestam Jean-Yves Leloup:

“O Evangelho de Maria Magdala é o primeiro tratado de papiro de Berlim. Este papiro foi adquirido no Cairo por C. Reinhardt este é conservado desde 1896, no departamento de Egiptologia dos Museus Nacionais de Berlim. Ele seria proveniente de Akimin ou de suas cercarias, desde que apareceu inicialmente em um antiquário desta cidade. De acordo com C.Schmidt, teria sido recopiado no início do século V. a descrição papirológica do manuscrito foi feita por W.C. Till, em continuação aos trabalhos de C.Schmidt, em seguida tornado adequado e completado por H.M. Schenke.^{1”}

O texto do Evangelho Apócrifo de Maria Madalena, apesar de extremamente fragmentado, guarda semelhança com outros apócrifos no sentido de abordar temas complexos da espiritualidade que são evitados nos quatro evangelhos canônicos, ao analisar o gênero textual como realizações lingüísticas concretas, definidas por propriedades sócio-comunicativas de acordo com as designações teóricas do tipo narração e argumentação, percebemos um discurso com predomínio do Sermão, configurando uma estrutura inter-gênero de natureza altamente híbrida e uma relação intertextual com alusão aos textos canônicos.

Vejamos o discurso de Miriam de Mágdala e as reações de Pedro e de André, após ter escutado seu sermão²:

¹ p.8,1998.

² **A Bíblia da Mulher: leitura, estudos.** Preparação e adaptação de texto: Liege Marucci, Luciana Abud, Sociedade Bíblica do Brasil; revisão Érica S. S. de Freitas. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo; Mundo Cristão, 2003, Ev. Maria Madalena. 17, 1-20

Eu saí do mundo graças a um outro mundo; uma representação se apagou graças a uma representação mais elevada. De agora em diante eu vou para o repouso / onde o tempo repousa na Eternidade do tempo. Eu vou para o Silêncio”. Depois de ter disto isso Maria se calou. Era assim que o Mestre conversava com ela. André então tomou a palavra e dirigiu-se a seus irmãos: “O que pensais vós do que ela acaba de contar? De minha parte, eu não acredito que o Mestre tenha falado assim: estes pensamentos diferem daqueles que nós conhecemos”. Pedro juntou: “será possível que o Mestre tenha conversado assim, com uma mulher, sobre segredos que nós mesmos ignoramos? Devemos mudar nossos hábitos: escutarmos todos esta mulher? Será que Ele verdadeiramente a escolheu e a preferiu a nós?”.³

Pensando o discurso como um conjunto de enunciados e os enunciados como performances verbais em função enunciativa, o conceito Foucaultiano de discurso pressupõe, necessariamente, a idéia de “prática”, prática esta que revela informações sobre o falante e sua resignação discursiva. Em *Arqueologia do Saber* :

As práticas discursivas são um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 1986, p.136).

Observando como se dá a produção dos sentidos, neste texto a partir da relação entre o lingüístico e o histórico, embasados nos trabalhos de Michel Foucault – “Análise do Discurso” considerando a linguagem como prática social, os estudiosos vêem o discurso como modo de ação, e também de representação de um indivíduo, de uma época, de uma elite religiosa e patriarcal, além de levarem em conta suas análises, a dialética entre a prática social e a estrutura social, sendo a última uma condição da primeira.

Quando adotamos o ponto de vista deste autor, focalizamos os acontecimentos discursivos a partir do pressuposto de que há uma realidade lingüística e uma realidade histórica e que ambos mantêm uma relação entre sujeitos históricos, desta interpretação, nasce a relação do homem com a língua e com a história, neste contexto, partindo do discurso de Maria Magdala, percebemos uma relação entre *Saber e Poder*, Saber como um conjunto de elementos formados de maneira regular por uma prática discursivas, nesta estão incluídas o espaço em que o sujeito pode tomar para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso, o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam; as possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso. Enfim: “*não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma*”(FOUCAULT, 1986, p. 207).

Magdala está com o saber, enquanto André e Pedro com o poder, ela figura neste texto como a encarnação da sabedoria celeste e como companheira de Jesus, tida como o modelo de gnóstico perfeito, na medida em que se eleva ao ápice da visão e do amor espiritual. Jesus confia-lhe palavras que os outros discípulos ignoram, ela ocupa o lugar deixado vago por Jesus, ela comunica os segredos recebidos e os explica.

Foucault (1979) vê o poder não como uma posse de alguns, mas como um efeito do discurso. Definir o mundo ou uma pessoa é exercer poder. Porque se define ou representa algo de uma maneira particular, que traz consigo poder. Este poder não está necessariamente associado à força repressiva. Ele é tanto mais produtivo (mais eficaz), enquanto produtor de Saber. Foucault chama a atenção para a emergência, de uma série de práticas culturais e institucionais que tem como produto o indivíduo atual.

Enquanto os discípulos Pedro e André duvidam do conhecimento que ela adquiriu do Mestre, não somente Miriam de Magdala é uma mulher, mas é uma mulher que teria acesso ao conhecimento. E é neste sentido, sem dúvida que ela fosse, na época de Jesus, considerada como pecadora; ela não se

³ MÁGDALA, Miriam de. **O Evangelho de Maria**. Evangelho copta do século II traduzido para o francês e comentado por Jean-Yves Leloup. Tradução para o português por Lise Mary Alves de Lima. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998 p. 37.

conforma com as leis de uma sociedade onde o conhecimento é coisa para homens e na quais as mulheres não têm o direito de estudar os segredos da Tora nem de interrogar os caracteres claros ou obscuros de suas letras quadradas. Jesus rompe com o fio da tradição, ancorado em valores masculinos e eleva o discurso feminino.

O trabalho de Michel Foucault (1972;1979) sobre as relações entre Poder e Saber, ele designa por *Conhecimento* a construção particular ou a versão de um fenômeno que recebeu a etiqueta de *Verdade* na nossa sociedade, enquanto o Saber (a visão particular do senso- comum acerca do mundo, prevalecente numa cultura, num dado momento) está intimamente associado com Poder.

O *conhecimento* traz poder, e o *Poder* traz a dominação, e foi por isso que os apóstolos tiveram medo, de todo conhecimento adquirido por Madalena, este legado vem sendo proibido às mulheres desde o principio da Criação, quando Eva ao provar do fruto do Conhecimento, expulsa o homem de seu estado de ignorância, desde então a cultura ocidental relegou um papel marginal à mulher e por séculos encarregaram-se de responsabilizar-las pela perda do Paraíso. O medo dos apóstolos é que uma Mulher poderá assumir o poder da Gnose e seja reconhecida como “Apostolas dos Apóstolos”.

A circulação desse conhecimento na sociedade, insere-se no processo sócio-histórico de produção de sentidos, no interior das relações, são fecundadas e permeadas pelas instituições produtoras de textos, que realizam o trabalho significativo da cultura. “Onde o ideológico e o poder estão por toda parte, enquanto chaves da inteligibilidade do campo social”⁴.

Ao Conhecimento Sagrado terá acesso àquelas que estão com as chaves da inteligibilidade, em transformar o Poder, na liberdade de expressão, de criação e circulação de idéias, opiniões e bens, a serviço do bem-comum. Onde *Conhecimento e Verdade os libertará*⁵.

Neste capítulo do Evangelho de Maria de Mágdala,10,1-25:

“ Pedro disse a Maria: Irmã, nós sabemos que o Mestre te amou, diferentemente das outras mulheres.Diz-nos as palavras que ele te disse, das quais tu te lembras e das quais nós não tivemos conhecimento...”

Maria lhes disse: Aquilo que não vos foi dado escutar, eu vos anunciarei;

Eu tive uma visão do Mestre, e eu lhe disse: Senhor, eu te vejo hoje nesta aparição”.

Ele respondeu: “Bem-aventurada és tu, Maria, que não te pertubas à minha vista. Onde está o nous aí está o tesouro”.Então, eu lhe disse: Senhor, no instante, aquele que contempla tua aparição, é pela psique(alma) que ele vê?Ou pelo Pneuma (o Espírito, Sopro)?

O mestre respondeu: Nem pela psique nem pelo Pneuma; mas o nous estando entre os dois, é ele que vê e é ele que (...).”.

Os discursos apócrifos elucidam a presença feminina na literatura bíblica, desvendando as vozes ocultas de Maria Madalena eliminando preconceitos historicamente criados e divulgados pelo cristianismo.

Os textos apócrifos descobertos em 1945, no Alto Egito, em Nag Hammadi, têm contribuído para os estudos mais recentes sobre as origens do cristianismo, a exemplo do **Evangelho de Maria Madalena**, descoberto em Akmin, antiga Penápolis, também no Alto Egito. Eis sua importância como texto fundador do cristianismo.

O texto copta está organizado em forma de páginas, faltando os números 1 a 6 e 11 a 14. Assim como a linguagem utilizada por Maria Madalena para tornar legível sua atuação como a discípula amada de Jesus, assim como sua liderança no grupo dos apóstolos.

É importante salientar que o valor da liderança exercida por Maria Madalena entre os primeiros cristãos, bem como a predileção de Jesus por ela, na medida em que rompe com a visão sexista da Igreja, agride o ego masculino.

Nos evangelhos canônicos, ao considerar Maria Madalena como a possuída pelos demônios, conforme salienta o Evangelista Lucas:

⁴GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: ClaraLuz, 2003, p.122, p.201

⁵ *João,8:32*

Ter demônios, segundo o pensamento judaico, é o mesmo que ser acometido de uma doença grave. No cristianismo, o demônio foi associado ao pecado. No caso da mulher, o pecado mais grave era o sexual tentam subestimar e ocultar o seu valor de mulher, enquanto liderança, ao mesmo tempo em que a reduz a sua ação apostólica à passividade e ao arrependimento.”⁶

O discurso bíblico ao “materializar o modo como seus enunciadores interpretam a realidade e, ao mesmo tempo, estabelece o lugar discursivo que o leitor deve ocupar para atribuir significação às imagens. Uma vez inseridas nessa rede de memória, essas imagens comportam um programa de leitura inscrito em outro lugar, daí nasce o “Mito de Pecadora arrependida”, as imagens proporcionam uma revisão e um deslocamento desse mito, a partir dos elementos oferecidos pelo presente”⁷. O mito de pecadora redimida, discurso comum às sociedades patriarcais, onde a mulher era identificada como o sexo e por isso pecadora na sua condição feminina.

O que torna a eficácia semântica e simbólica dessas imagens é, portanto, o fato de sua narrativa tornar o presente inteligível e o passado, concreto. Durante a construção da Igreja, enquanto instituição organizada e poderosa, a imagem de Maria Madalena foi reinventada de prostituta a sibila, freira celibatária, colaboradora passiva, ícone feminista e matriarca da dinastia secreta da divindade.

Quem era de fato Maria Madalena?

Esta mulher bebe na fonte do conhecimento Sagrado ao beijar o Mestre na boca, recebe a verdade e ela o libertara e a transformará na Anunciadora do Reino de Deus, pela revelação do “Conhecimento Proibido” deixa seduzir-se ao Amor incondicional. Ao efetuar uma leitura do Evangelho de Madalena buscando observar como ela expressa sua trajetória de apóstola e sua experiência no maior mistério do cristianismo, o da Ressurreição de Jesus, resgatamos a palavra sagrada do feminino, num exercício teológico que busca legitimar a literatura apócrifa, como testemunho e inspiração.

REFERÊNCIAS

- A Bíblia da Mulher: leitura, estudos.** Preparação e adaptação de texto: Liege Marucci, Luciana Abud, Sociedade Bíblica do Brasil; revisão Érica S. S. de Freitas. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo; Mundo Cristão, 2003.
- BATISTA, João. **O Evangelho de João:** traduzido para o francês e comentado por Jean Yves Leloup. Tradução para o português de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FARIA, Jacir de Freitas. **As origens apócrifas do cristianismo:** comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé. São Paulo: Paulinas, 2003.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e Mídia:** a cultura do espetáculo. São Carlos: ClaraLuz, 2003.
- , Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso:** diálogos e duelos. São Carlos: ClaraLuz, 2004.
- MÁGDALA, Miriam de. **O Evangelho de Maria.** Evangelho copta do século II traduzido para o francês e comentado por Jean-Yves Leloup. Tradução para o português por Lise Mary Alves de Lima. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- SHATTUCK, **Conhecimento proibido:** de Prometeu à pornografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RENIMER, Ivoni Richter. **Grava-me como selo sobre teu coração:** teologia bíblica feminista. São Paulo: Paulinas, 2005.
- ROST, Leonardo. **Introdução aos livros apócrifos e pseudepígrafos:** do Antigo Testamento e aos manuscritos de Qumran. Tradução Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha (O.S.B). 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

⁶FARIA, Jacir de Freitas. **As origens apócrifas do cristianismo: comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé.** São Paulo: Paulinas, 2003 p.31

⁷GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo.** São Carlos: ClaraLuz, 2003, p.122-123